

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR		— ANNO I— 15 DE JANEIRO DE 1882 —N.º 48—	ASSIGNATURA BRAZIL	
Anno ou 52 numeros..... 2500 réis Semestre ou 26 numeros..... 1500 „ Trimestre ou 13 „..... 700 „ Avulso..... 60 „	GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º		Anno ou 52 numeros..... 7500 réis Semestre ou 26 numeros..... 4500 „ Trimestre ou 13 „..... 2500 „ Avulso..... 200 „	

SUMMARIO

GRAVURAS:—Adolpho de Gueldre, e seu pae Arnolde; O arabe em oração; A noiva do leão; Mausoleu de Enguelberto III, na antiga cathedral de Breds.
 TEXTO:—Actualidades, por Pharés; As nossas gravuras; Carmen e Juanito, por Alfredo de Brechat; Rosicler, por Bulhão Pato e José de Sousa Monteiro; Domingo historico, por A. O.; Horas d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tisset e Constant Améro; Correspondencia



ADOLPHO DE GUELDTRE E SEU PAE ARNOLDO

ACTUALIDADES

Uma confusão diabolica!

Eu francamente, não sei se lhes diga que prefiro as semanas sem assumpto a esta recua atafalhada de festas!

Quando não ha assumpto a gente fabrica um para seu uso proprio, á sua vontade, mais dentro dos seus meios, um assumpto feito d'encomenda pela medida dos seus recursos litterarios, e depois veste-o, isto é, trata-o, e como o assumpto foi preparado para as suas faculdades de escriptor, faz-se uma brilhante figura, porque nem as mangas são mais compridas que os braços, nem a cintura cae sobre os quadris, nem as costas fazem prégas, como faria, por exemplo, a casaca do sr. Antonio Rodrigues Sampaio no corpo esguio do nosso collega Minhava do *Diario Popular*.

Ora, por uma fatalidade — anauké como diziam os arabes —, a primeira semana em que eu tenho a honra de ser Pharés no *Jornal do Domingo*, não me permite fabricar o *costume* com que devo apresentar-me aos meus leitores. Pelo contrario, não me deixa a liberdade de figurino, nem sequer me offerece um *costume* só.

Continuando a mimosa imagem com que comecei esta chronica, a semana actual é uma loja d'al-gibebe, magnificamente fornecida, *helas!* e que me obriga a vestir uma immensidade de fatos, dos quaes nenhum d'elles me vae bem ao corpo.

Vejam os:

Chegada de El-Rei D. Affonso XII e da rainha D. Maria Christina, sua esposa a Lisboa. A *gare* do caminho de ferro, a recepção dos reaes viajantes.

Jantar de gala no paço da Ajuda.

Almoço em casa do embaixador hespanhol.

Corridas no Hyppodromo de Belem.

Baile na Ajuda.

Inauguração da exposição de Arte retrospectiva.

Recita de gala em S. Carlos.

Passeio a Cintra.

Iluminação e fogo no rio.

Parada.

Baile da Associação Commercial.

Uff!

E' da gente não saber por onde entrar nem por onde sair!

E depois nós não entendemos inteiramente nada, de nenhum dos assumptos que enchem a semana.

De nenhum, perdão. Entendemos alguma coisa dos jantares, mas esses, não nos tendo sido dado provar-os, não podemos provar a nossa competencia n'elles.

E vêem o que isto faz? Vêem a que abysmos insondaveis pôde levar uma semana d'estas?

Um calemburgo! Oh! ceus! como nós nos sentimos córar sob a mascara, oxalá impenetravel, de Pharés.

No dia da chegada dos soberanos hespanhoes dirigimo-nos á *gare* do caminho de ferro, com toda a nossa boa vontade de chronista para tomar nota de tudo que vissemos para informar os nossos leitores. Tudo cheio de gente, tudo: mas, em summa entalados d'encontro á umbreira d'uma porta, e pon-

do-nos de vez em quando nos bicos dos pés, com a elegancia da sr.^a Casati, mas muito mais vestidos que ella, esperavamos, com a luneta muito bem limpa e os olhos muito bem abertos, a chegada dos reis de Hespanha.

De repente o hymno de Riego estrondeia por toda a *gare*. Grande burburinho.

Ahi vem o comboyo.

Atenção!

Tiramos da algibeira a nossa carteira de notas.

O comboyo chega: é o momento. Apuramos a vista. Mas toda a gente se põe em pé em cima das cadeiras.

Mesmo adiante de nós, uma senhora muito gorda, que poderia muito bem ser a sr.^a Cepeda, encarpita-se tambem na sua cadeira, e limita o nosso horizonte a uma porção colossal de metros de seda lilaz.

Escusamos dizer que não tomámos notas, nem informaremos do que vimos os nossos leitores!

Depois d'essa nossa primeira *mésaventure* procurámos uma desforra brilhante para a nossa carteira de chronista.

O jantar de gala no paço da Ajuda! O almoço da legação hespanhola!

Que bellas desforras a tirar!

Mas d'esses banquetes só nos chegou ás mãos o *menu*: e avaliar um jantar por um *menu* é tão incauto, como avaliar um governo pelo seu programma.

E a desforra ficou ainda a vencer juro!

As corridas de Belem. Optimo!

Ahi sim, ahi é que nós vamos fazer um vistão. Mas que demonio! Nós ainda não pudemos encontrar o divertimento, n'uns cavallos a correr a vêr qual chega primeiro á meta.

E no fim de tudo, o que é a vida toda senão uma corrida de cavallos? Todos tem a sua *meta* n'este mundo de Christo. Uns, é uma cadeira de ministro, outros, um logar d'amanuense, e entre estes dois abysmos quantas metas não ha por ahi? E todos passam a vida a correr, a correr, uns saem fóra da pista, outros caem no meio do caminho, outros perdem por uma cabeça de cavallo, e a galeria applaude os triumphadores, assobia os outros, dá-lhes gebadas, faz-lhes troça e tudo continua assim, hip! hip! E' uma carreira vertiginosa.

As corridas do Hyppodromo em honra do Rei de Hespanha prestam-se porém a uma bella descripção do effeito geral do panorama.

Pintemol-a com as melhores tintas da nossa pa-lheta.

No alto, a tribuna real, d'um lado e do outro os pavilhões enfeitados com bandeiras.

Em baixo a esplanada reservada e o recinto da pezagem. Homens conversando, senhoras idem. Apostas colossaes desde dois tostões até quatro mil e quinhentos. Defronte, muitos trens de praça; mais abaixo, a torre de Belem; mais abaixo ainda, Caparica.

Além, muito além, a torre do Bugio.

Para cá, do outro lado, o pontal de Cacilhas.

A descripção não nos sabiu muito moderna. Emen-demos a mão:

«Multidões acotovellam-se, pondo largas manchas negras na terra humida e cavada. Cavallos correm pelo campo, pondo amollegadelas informes, nas cearas que penujam verduras sobre os sulcos do arado. Os setins lustrosos dos vestidos da côrte põem uma nota alegre, vibrante como um clarim, nas tribunas correctas e importantes. Ao longe o sol põe espelhamentos metallicos nas aguas tranquillias do rio. A torre de Belem põe uma nota esguia e sombria na serenidade da praia do Pataco. As humidades da tarde perlam as arvores melancholicas, pondo...»

(Na litteratura moderna tudo põe, menos as gal-linhas.)

Inauguremos a exposição d'arte retrospectiva. Per-corrámos as salas á luz branca dos globos Jablockoff... Muitas tapeçarias, muitas pedrarias, muitos embuti-dos... mas com a bréca! ha uma falta sensivel na ex-posição; uma falta imperdoavel n'uma exposição por-tugueza d'arte retrospectiva.

A commissão que nos perdõe, mas sômos rudemen-te francos e sinceros... Não vimos no palacio das Ja-nellas Verdes a sr.^a Emilia das Neves...

E não podemos continuar a nossa chronica dos fa-ctos da semana. São tantos que sentimos na cabeça uma confusão diabolica.

Todas essas festas dançam no nosso espirito um cancan desenvolvido. Tudo se mistura no nosso cere-bro. As corridas, as recitas de gala, os jantares, os bailes, as touradas, a parada, o fogo...

Procuremos dar uma simples noticia do que se pas-sou, com certa nitidez.

A sr.^a Donadio commandou muito bem a divisão na parada de hontem. Foi muito admirada no museu d'arte ornamental a collecção dos nossos generaes. O batalhão de caçadores 2 distinguui-se muito no co-tillon do baile da Associação Commercial. A peça mais notavel de fogo de vistas foi a parada de sab-bado. Agradou muito no theatro de S. Carlos o *Din-dou truffé à la royale*. Foi deveras encantador no pa-pel d'Ophelia o sr. visconde de Sagres.

Nada. Decididamente não temos cabeça para mais. Tocámos a *méta* da nossa chronica. Acabou a corrida.

PHARÉS.

AS NOSSAS GRAVURAS

ADOLPHO DE GUELDRÉ E SEU PAI ARNOLDO.—A gra-vura que hoje apresentamos aos nossos leitores é a copia de um quadro do celebre Rembrandt, e a sce-na, que o grande pintor hollandez escolheu para as-sumpto do seu quadro, é um dos episodios de uma das mais terriveis historias d'esse seculo xv, que ainda conservava a selvajaria dos costumes da ida-de media, realçada pelo esquecimento das leis da cavallaria que ia caindo em desuso e pelos debeis fulgores da aurora da civilização, que ainda não con-seguira fazer penetrar o senso moral na consciencia d'essa geração, que teve Machiavello como philoso-pho social.

O Gueldre, hoje uma das provincias hollandezas era no seculo xv um ducado que Arnaldo de Egmont governava, prestando vassallagem ao santo Imperio. Fóra no seculo xi erigido em condado, e em ducado no seculo xiv. Reinava Arnaldo já havia muitos an-nos, quando em 1473 seu filho Adolpho, caçado de

ser simplesmente o herdeiro da corôa ducal, consprou contra seu pai, reuniu em torno de si todos aquelles que estão sempre promptos a sustentar a causa dos que tem por si o futuro, e, surpreendendo seu pai n'uma noite de inverno, quando o velho duque ia tranquillamente metter-se na cama, fel-o saltar para o meio da neve com os pés descalços, e obrigou-o a caminhar assim umas cinco leguas, até chegar á torre, onde tencionava prendel-o.

O pobre velho conseguiu fazer chegar as suas queixas ao imperador Frederico III da Allemanha, casado com a nossa princeza D. Leonor, filha de el-rei D. Duarte, e Frederico III encarregou um dos grandes vassallos, Carlos o Temerario, duque de Borgonha, de resolver esse assumpto. Estamos ainda em terra conhecida. Se Frederico III era genro de D. Duarte, rei de Portugal, Carlos o Temerario era sobrinho do nosso monarcha por ser filho de sua irmã D. Izabel.

Carlos o Temerario era amigo de Adolpho de Gueldre. Aquelles dois caracteres deviam estimar-se e comprehender-se; eram ambos violentos, selvagens, mas Carlos o Temerario tinha um grande respeito pela memoria de seu pai e de sua mãe e Adolpho de Gueldre já vimos como comprehendia os sentimentos filiaes.

Perante um outro tribunal qualquer, bastava apresentar-se a causa para se saber que o réu seria condemnado; mas o tribunal do Tosão de Ouro, que Carlos o Temerario convocou por ser o accusado membro da ordem, não tinha essas severidades draconianas. Havia pouco tempo estivera refugiado na Borgonha o delphim de França, Luiz, depois Luiz XI, revoltado contra seu pai. Por isso o tribunal não se mostrou muito indignado contra Adolpho. Este appareceu, accusou impudentemente seu pai dos vicios mais atrozes, e declarou que um homem que reinava havia quarenta annos podia perfectamente deixar o poder. Parece que os cavalleiros do Tosão de Ouro acharam a observação justa, porque deram o ducado a Adolpho, e concederam apenas a seu pai a liberdade, uma pequena pensão e um pequeno territorio. Quando o velho Arnoldo porem, indignado por algumas palavras de seu filho, lhe atirou a luva, quando seu filho a levantou, dizendo-se prompto a combater contra seu proprio pai, quando declarou arrogantemente que lhe não cederia uma pollegada de terreno, o conselho da ordem indignou-se enfim, restituiu o ducado a Arnoldo, dando a Adolpho o que primeiro reservara para seu pai, Adolpho não quiz aceitar, e saiu blasphemando. Perseguiram-n'o e prenderam-n'o. Entretanto seu pai legava em testamento o seu ducado ao duque de Borgonha. Debalde o filho protestou, Carlos o Temerario não largou a presa e Adolpho de Gueldre desapareceu.

Escolheu Rembrandt para assumpto do seu quadro vigoroso o momento em que Adolpho ameaça e chasqueia seu pai encarcerado.

O ARABE EM ORAÇÃO.—A scena que esta gravura reproduz tem sido muitas vezes descripta pelos viajantes, mas não ha descripção que lhe possa dar o relevo e o colorido fidelissimo que lhe deu o quadro do grande pintor francez Horacio Vernet, de que a nossa gravura é reproducção. O Arabe que vemos é provavelmente algum pobre mercadorcito que viaja n'uma planicie deserta com a sua pequena cargação. Caminhou sem duvida toda a noite, para poder chegar ao nascer do sol á fonte junto da qual passa a noite. Aos primeiros clarões da aurora, apeou-se o Arabe do seu camello, tirou as chinellas e espe-

tou a lança na areia. Ajoelhado no tapete destinado ás suas devoções, ergueu as mãos para dizer a oração consagrada: «Só Deus é Deus e Mahomet o seu propheta».

Ao lado d'elle está o seu camello; segundo o costume tem uma pata amarrada ao pescoço. Todos sabem que innumerous perigos affronta o Arabe viajando no deserto. O calor suffocante, a sede, a areia ardente e o *sinoun* ameaçam sem cessar o temerario viajante. Se não fosse o camello, o Arabe não poderia atravessar essas planicies desoladas. Por isso foi com razão que a esse animal se chamou «o navio do deserto». Succede porem muitas vezes que os camellos succumbem exaustos de fadigas e de privações e as caravanas semeiam as estradas com as suas ossadas brancas.

O sitio em que parou o Arabe de Vernet não se pode dizer completamente devastado, aqui e acolá veem-se ainda palmeiras elegantes e magras plantas rasteiras pela areia. Mas, á medida que fór caminhando, irão desaparecendo os ultimos vestigios de vegetação, e começarão planicies aridas, nua e monotonas. Então, se tem a desgraça de se perder, não tardará a ver-se obrigado a matar o seu companheiro e a procurar no seu estomago uma porção d'agua tepida e salobra. Conseguirá isso talvez prolongar-lhe a vida até que chegue algum socorro providencial; é possível tambem que não chegue semelhante socorro, e o desgraçado viajante será votado sem esperança a todos os horrores da morte pela fome e pela sede.

A NOIVA DO LEÃO.—O quadro que a nossa gravura representa é do pintor Max, e patenciaia uma das scenas mais brilhantes do excentrico poema romantico de Chamisso, o grande poeta allemão de origem franceza. O poema tem este mesmo titulo: *A noiva do leão*. O estranho assumpto d'esta composição poetica é a historia de uma gentil moçama que conseguiu captivar por tal forma um leão, que elle obedecia aos seus minimos gestos, ao seu mais leve capricho. Casou, e não foi com elle como se pode imaginar. Teve porem a generosa ideia de se despedir do seu terrivel amigo. Entrou na jaula do leão, mas este, que a viu acompanhada por um rapaz que lhe pareceu suspeito, apenas achou dentro da jaula a sua graciosa amiguinha, deitou-lhe as garras, e deliberou condemnal-a ao celibato perpetuo. Effectivamente a attitudé do noivo, os seus olhos esgazeados não denunciavam um grande desejo de ir arrancar a sua noiva das garras do leão. Não sabemos como Chamisso desenlaça este excentrico poema. Procurava sempre o eminente poeta estes assumptos originaes e estravagantes. É elle o autor do *Honrem que perdeu a sombra*, um pobre homem, que julgou ter feito grande negocio vendendo ao diabo a sua sombra a troco da satisfação de todos os seus desejos. O diabo pegou na sombra do infeliz, enrolou-a como se enrola um tapete, e metteu-a tranquillamente na algibeira. O vendedor foi-se embora muito satisfeito, mas os gaiatos, quando o viam passar, notando que a respeito de sombra não possuia nem a mais leve migalha, começaram a segui-lo com espanto; depois a pouco e pouco veio a troça, de forma que elle já não saia senão depois do sol posto. Á sua namorada não fallava senão á noite; mas uma vez, coisa que os namorados romanticos sempre desejavam ardentemente, nasceu a lua, e projectou no chão do jardim de Margarida uma sombra unica. A noiva fuggiu com um grito de desespero.

O auctor d'este original romance não podia deixar de escolher para assumpto de um poema, esta ideia

não menos estravagante, a paixão de um leão autentico pela noiva de um leão metaphorico.

MAUSOLEU DE ENGLEBERTO III DE NASSAU NA ANTIGA CATHEDRAL DE BREDÁ.—O monumento sepulchral que a nossa gravura representa, é sem duvida o mais bello florão gothico que a Hollanda possui; pode-se até dizer que n'este genero não ha na Europa coisa alguma que se considere mais notavel.

Penetremos na igreja protestante, que foi outr'ora uma igreja catholica. Encontrar-nos-hemos em presença do tumulo de Engleberto III, conde de Nassau, e de sua mulher Limburga de Baden. Henrique de Nassau, sobrinho do morto, mandou erigir este tumulo, que a tradição attribue a Miguel Angelo. Adornam-n'o um grande numero de esculpturas, executadas com rara perfeição n'um alabastro gypsozo transparente, que foi de Italia. As grandes estatuas são maiores do que o natural, e são admiraveis, tanto pela expressão, pela attitudé como pela delicadeza do acabamento. Representam alem dos dois personagens já citados, João de Nassau e sua mulher, com os seus padroeiros S. João Baptista, Santo Engleberto, S. Jeronymo e S. Jorge. No centro vê-se uma estatua da Virgem.

Contra o que succede nos outros mausoleus d'esta igreja, este escavou aos iconoclastas, provavelmente por attenção com Guilherme o Taciturno cujos antepassados ali descansam. Mencionemos a esse respeito, que a estatua da Virgem não é a da primitiva. Data do seculo XVII e foi restaurada ha pouco tempo, debaixo da direcção do sr. Cuyper, á custa da familia real da Hollanda.

Roger de Beauvoir, escriptor muito perito em todas as questões relativas á arte gothica, sem deixar de reconhecer que se encontra no monumento de Breda o toque energico de Miguel Angelo, julga contudo que os accessorios não são d'elle, porque são lavrados com nimia delicadeza, e porque, tanto em esculptura como em pintura, o auctor do *Moyse* e do *Juizo final* quasi sempre procedeu por esboços e porque os fatos do tumulo, os arabescos das armaduras, distinguem-se, como já dissémos, por um delicioso acabamento.

«Seja como fór, acrescenta o mesmo escriptor, não existe na Italia, parece-nos, mausoleu mais nobre nem mais bello; mas não ha palavras humanas que possam exprimir a tristeza d'esta igreja protestante de Breda; o seu misero desamparo, a sua profanação real, são uma verdadeira dôr de alma. É uma igreja branca e nua, mal lageada com tumulos, cujos brazões estão em relevo, e cujas campas muitas vezes se tem virado. As encantadoras esculpturas das capellas que rodeiam a nave soffreram muito. Um grande numero d'esses Nassaus, orando em cima das suas almofadas de estuque, e com as suas largas espadas a arrastar pelo chão, estão sem braços nem cabeça. As mulheres, de longos véus, de cintos brancos, foram mais respeitadas».

SCENAS DA VIDA AMERICANA

CARMEN E JUANITO
POR
ALFREDO DE BREHAT
Versão portugueza
DE
JULIO DE MAGALHÃES

1

No dia 13 de junho de 1850 um grande pangaio, que dois remadores faziam correr por sobre as aguas com extraordinaria rapidez, descia o rio Chagres em

direcção á povoação do mesmo nome. Juanito Solano, arraes da embarcação, governava o leme. Era um esbelto e vigoroso rapaz de vinte e cinco ou vinte e seis annos, que no traje e no semblante denunciava manifestamente a origem mexicana.

Na occasião em que o pangaio, agora já pouco distante da povoação, dobrava uma pequena ponta de

da, que teve a boa lembrança de vir esperar-nos! . . . Depressa, amigos, depressa para terra!

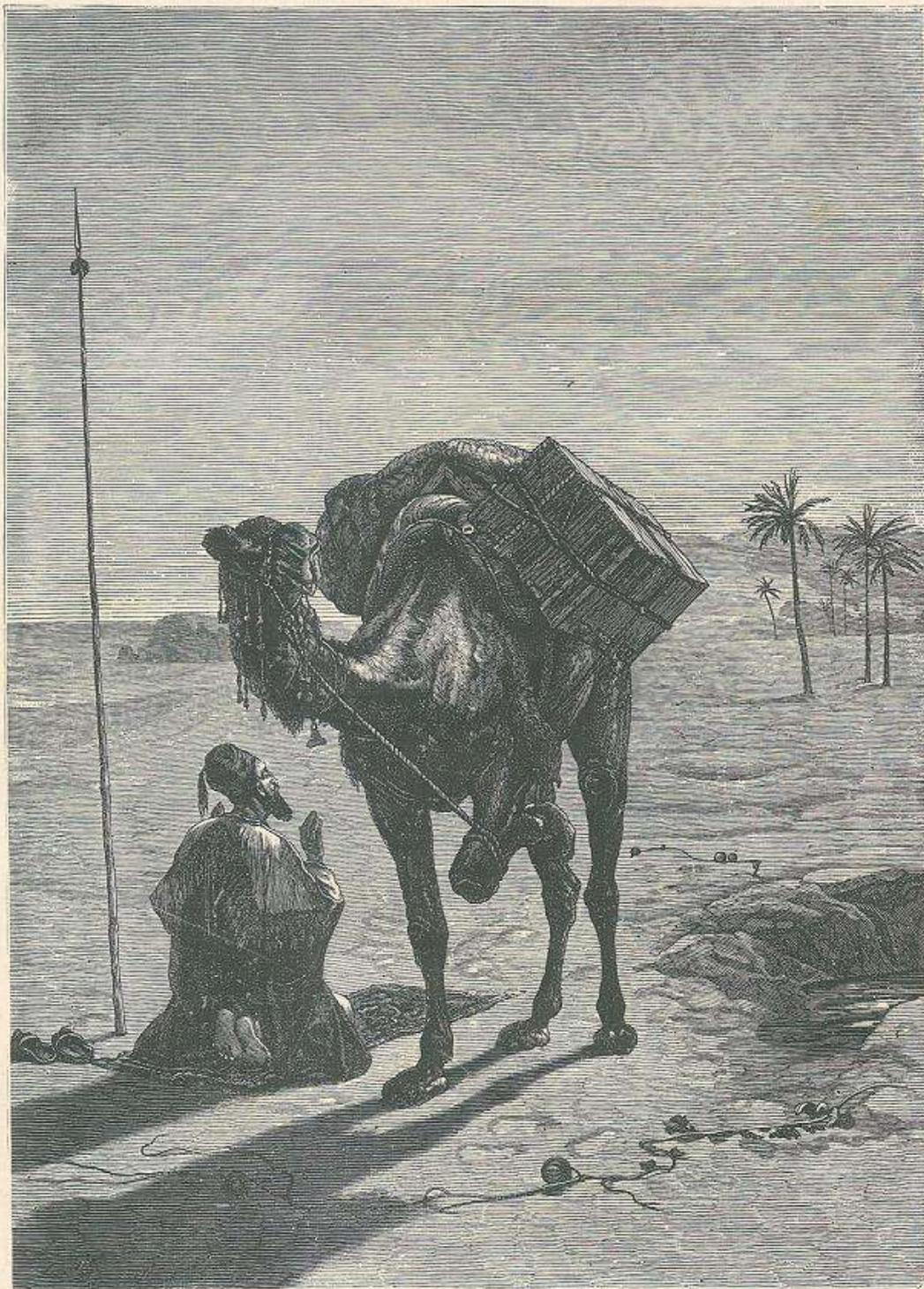
Os dois remadores, creaturas magras e macillentas, em cujo aspecto de definhamento transpareciam evidentemente os estragos das febres endemicas, curvaram-se sobre os remos e cortaram a agua com mais vigor. Juanito desprendeu o lenço de sêda, que lhe

emphase particular dos americanos das antigas colonias hespanholas.

E, lançando um olhar de expressão equívoca para o outro remador, acrescentou:

— Não és da minha opinião, Dionyzio?

Este ultimo contrahiui as sobrancelhas como quem não gostára da interpegação.



O ARABE EM ORAÇÃO

terra, Juanito Solano avistou uma rapariga que se achava na margem esquerda do rio, e que, com o olhar fixo na embarcação, agitava o lenço no ar como para festejar a bôa chegada da tripulação do *Santa Barbara*.

— *Voto a Dios*, é Carmen . . . não me engano! exclamou o arraes com enthusiasmo. Vida da minha vi-

envolvia a cabeça formando uma especie de turbante, e agitou-o no ar para responder aos jubilosos acenos da sua noiva.

— É formosa a minha adorada Carmen, não é verdade? disse elle voltando-se para os seus dois companheiros.

— É um anjo! respondeu Carlo Barista com a

— Olha para ella, Dionyzio! tornou Carlo Barista em voz baixa, em quanto que o arraes do pangaio *Santa Barbara* se preparava para saltar em terra.

— De mais a vejo eu! murmurou Dionysio com voz surda. Daria todas as raparigas de Chagres e do Panamá, se minhas fossem, por uma trança dos negros cabellos de Carmen.

— Adeus, amigos! disse Juanito Solano, lançando para sobre um hombro a sua capa mexicana. Espero-os á noite na hospedaria de São-Luiz...

E, depois de dar uma derradeira volta ao leme da embarcação, saltou agilmente para a margem do rio.

o dia se acabe, sem que tomes conhecimento com o meu manchete!

— Mas que razão tens tu para essa irritação súbita contra mim? tornou Carlo Barista com os labios entreabertos em um sorriso sardonico.

nistra. O outro remador, o que tinha por nome Carlo Barista, era um homem de pequena estatura, e tão magro, tão definhado como o seu companheiro. Dir-se-hia que lhe transluziam no semblante os maus instinctos e a astucia de uma hyena.



A NOIVA DO LEÃO

Carmen correu para elle e lançou-se-lhe nos braços. — Que bonito par!... não é, Dionysio? disse Carlo Barista para o seu companheiro.

— Com mil bombas! replicou Dionysio com os dentes cerrados, e largando o remo para levar a mão ao punho de um pequeno sabre lamina direita, que tinha seguro no cinto. Parece-me que não queres que

Dionysio Palmano não respondeu. Estava contemplando com olhar sombrio os dois noivos, que se afastavam vagarosamente, com as mãos entrelaçadas e curvados um para o outro.

A tez amarellecida e requeimada, as faaes emaciadas, e o olhar tórvo e irritado, davam á yphisionomia de Palmano uma expressão accentuadamente si-

— *Viva Dios!* tornou Carlo Barista ao cabo de alguns momentos de silencio, e olhando de revez para Dionysio, que continuava a remar sem pronunciar uma palavra unica. Não podemos deixar de confessar, que foi uma excellente ideia, a que teve aquelle mexicano, quando pensou em vir estabelecer-se em Chagres! Em pouco tempo eil-o patrão do pan-

gaio *Santa-Barbara*, que é o melhor barco do pôr-te, e noivo da mais formosa rapariga d'estes arredores. E tão feliz sorte tem tido sempre, e em tudo, que até as febres o têm poupado!

— Sim, tem tido boa sorte! repetiu Dionysio Palmano.

E accrescentou por entre dentes:

— Tão boa, que não poderá durar sempre...

Em todo o caso, replicou Carlo, ha de durar até que se realise o casamento d'elle com a formosa Carmen.

— Quem sabe?... murmurou Dionysio com ar sombrio. A roda da fortuna desanda de um momento para o outro...

— Felizmente o amor que tu mostravas por Carmen, não era sério... continuou Barista. Depressa te esqueceste de que, na occasião em que chegou aqui o mexicano, estava ella em vespéras de casar contigo...

— Cala te, com um milhão de demonios! exclamou Dionysio Palmano, batendo com o pé no chão. Não estou disposto a soffrer, que escarneçam de mim... Sinto no coração um verdadeiro inferno!

Carlo voltou a casa, e começou a rir silenciosamente, como regosijando-se por vêr o seu companheiro agitado por aquella furia violenta.

N'aquelle momento entrara o pangaio no recinto das amarrações. Os dois homens amarraram a embarcação ao lado de uma grande barçaça, e saltaram em terra.

— Vamos beber um copo de aguardente da Catalunha, disse Dionysio. Quero conversar contigo. Se fores capaz de me ajudar, teremos de mostrar a esse mexicano endemoninhado, que os homens de Chagres se não deixam ludibriar pelos que veem de longe.

(Continua)

ROSICLER

O GENIO E A INVEJA

Doirava o sol, no occaso, as nuvens côr de rosa, Saedindo na vaga a juba luminosa.

Affonso d'Albuquerque, o grande capitão, Regressava d'Ormuz; ufano o coração Pela conquista andaz, e já cravando a vista Sobre Goa — a soberba — outra maior conquista! E depois a Malaca!... e depois desviar As correntes do Nilo, e assim exterminar O turco assolador, o inimigo mortal, Dando um imperio novo ao velho Portugal!

N'aquelle seio inquieto andavam a lutar As ondas da ambição como as do vasto mar! E, em quanto o seu olhar no immenso se perdia, Na sombra do gigante a inveja remordia!

Junho, 1881

BULHÃO PATO.

EXPLENDIDA

E' esplendida! Tem negros os cabelos como a noute das almas condemnadas, a altivez das mulheres diademadas, das velhas castellãs nos seus castellos.

Quando na egreja fita os olhos bellos do seu missal nas paginas lavradas, irem na sombra, extaticas de vel-os, do austero templo as gothicas arcadas.

De noute, no concheiro dos seus ninhos, pipilam docemente os passarinhos, se o rosto assoma aos vidros da janella.

Quando passa na rua, as creancinhas ajoelham no chão pondo as mãosinhas, e murmuram, na prece, o nome d'ella...

José DE SOUZA MONTEIRO.

O DOMINGO HISTORICO

15 de janeiro de 1833 — Entrada dos constitucionaes em Leiria.

O exercito miguelista, batido em frente de Lisboa a 10 d'outubro de 1833 e desalojado no dia immediato da posição de Loures, acolheu-se a Santarem seguido pelo marechal Saldanha, que estabeleceu no Cartaxo o seu quartel general lançando piquetes para a frente até conservar o contacto com o adversario. Os dois contendores permaneceram n'esta situação por alguns mezes, porque Mac-Donell pensava especialmente em augmentar as suas forças para voltar sobre Lisboa; aos liberaes não parecia conveniente correr o risco de perder as vantagens já colhidas n'uma batalha contra o inimigo, concentrado em fortes posições, e, mais que tudo, porque as discordias intestinas, que lavravam nos dois campos, paralyzavam a acção dos belligerantes.

Em principios de janeiro de 1834, apesar do perigo que havia em reduzir as forças liberaes que estavam em frente de Santarem, o general Saldanha resolveu tentar uma expedição que cortasse as communicações do inimigo com Coimbra, e entregando o commando do exercito ao duque da Terceira partiu no dia 12 para Rio Maior, onde reuniu uma pequena divisão de infantaria composta de 4500 infantes e dos regimentos de cavallaria 10, 11 e lanceiros da rainha. No dia immediato a cavallaria occupou os Carvalhos, e a infantaria os Molianos e aldeias vizinhas, marchando o regimento de infantaria ligeira da rainha para Cós, ao passo que Saldanha se dirigia para a Batalha.

A copiosa chuva que tinha inundado o terreno impediu que a marcha se proseguisse immediatamente, como era o desejo dos soldados, e só no dia 14 se organisou a disposição das columnas repartindo-se as tropas em tres fracções que deviam avançar: uma pela estrada real, outra pela estrada da Batalha e outra por Liz e Ponte do Cavalleiro para alcançar a estrada de Coimbra a Leiria.

Na manhã do dia 13, quando a segunda d'essas columnas dirigida pelo coronel Xavier (depois conde das Antas) se aproximou da cidade, viu o inimigo formado fora dos entrincheiramentos, mas os miguelistas logo que foram ameaçados pelo 5 de caçadores, e apesar da excellente posição do castello evacuarão Leiria, a cidade cahiu nas mãos dos constitucionaes.

O combate foi insignificante, mas o effeito moral que a perda d'esta posição causou no exercito de D. Miguel foi muito notavel, porque os liberaes tinham assim conseguido interromper as communicações de Leiria com Coimbra pela estrada nova e essas duas cidades ficavam d'ahi por diante ligadas unicamente pela estrada velha, que era possima.

Alguns dias depois Saldanha venceu os miguelistas em Pernos, a 18 de fevereiro ganhou a notavel victoria de Almoester, que foi um golpe profundo na causa do absolutismo, e d'ahia quatro mezes travava se nos campos d'Asseiceira a ultima batalha d'esta lucta fraticida em que vencedores e vencidos deram inequivocas provas de heroismo e valor.

A. O.

HORAS DE OCIO

Anagramma

(Aos meus collegas os Ociosos do 4)

Ociosos, ás direitas ando no mar a vogar; mas, se trocarem as syllabas, ninguem me pode tocar.

E tambem, se ás consoantes invertirem o logar, vêr-me-hão no mesmo instante em mercado transformar.

Como a andorinha ligeira, que sulca as ondas do ar, assim eu airosa sulco as ondas do salso mar.

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

Palavras quadradas

Mauro nome aqui verás, Alguns vegetaes molesta; Adverbio tens já n'esta, No arvoredó o encontrarás.

ALVES D'AMELIDA (Moçambique).

Lexicologia

Accrescentar a mesma letra ás seguintes palavras: Ama, Acto, Cano, Coar, Ella, Luto, Pera, Seio, Toa, Trinar.

E formar dez palavras diferentes.

CARMELITA.

Soluções dos problemas do n.º 45

Enigma topographico — Lemede — Effectivamente, tirando-se a esta aldeia do concelho de Cantanhede as vozes, que são as vogaes, fica L M D, que em algarismos romanos significa cincoenta, mil e quinhentos.

Enigma logographico — Nuno Alvares Pereira.

Pergunta indiscreta — Mamarrosa.

Charadas novissimas - 1.ª Amar; 2.ª Ave; 3.ª Sebento; 4.ª Sopa.

Soluções certas

Enigma topographico. — Manoel Antonio Coelho Zilhão, Nadégo (Coimbra), Vasco (Coimbra), Dois Estovados.

Enigma-logographico. — Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Viechnú, Monge de Ossira (Pitões de Junias), Carmo e Sousa, Hamlet (Merceana), Acertei? (Loulé), Abilio Cordeiro.

Pergunta indiscreta. — Hamlet (Merceana), B. M. (Vianna do Castello), Teniers (Santarem), Edipo.

Charadas novissimas. — Manoel Antonio Coelho Zilhão, Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), A. Marques Guedes (Vizeu), Pedro José Calhancas, (Elvas) Edipo, Vasco, (Coimbra), Carmelita, B. M. (Vianna do Castello), Acertei? (Loulé).

Nota. — Em primeiro logar uma *errata*: A solução da charada é *Fafe* e não *Tafe*.

Em segundo logar diremos que nos chegaram atrazadas um grande numero de soluções do n.º 45. Em terceiro logar que o sr. Manoel Antonio Coelho Zilhão tambem mandou a solução certa do quadro magico.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Amérol

(Continuado de pag. 375)

XXXI

Uma noite chegaram finalmente os guias yakutes fazendo grande ruído com os seus trinta e dois cães, acordando os ecos do mar glacial. Yermac experimentou viva alegria; ia recomençar o plano de evasão, e d'esta vez em condições muito mais favoráveis, graças á ausencia de Yegor. O que lhe perturbava o contentamento era não levar consigo os fugitivos; mas elle conhecia o itinerario; de Yakutsk, empregando os correios do governo, era possível dar busca em todo o littoral do Oceano Pacifico nas proximidades do golfo de Anadyr. Na primavera Yegor e os seus, quando chegassem a Anadyr, seriam capturados.

Os guias, a quem Yermac referio como poudo o rapto de Nadege e de Ladislau, e a partida de Yegor Semenoff e do sr. Lafleur para os procurarem, supozeram que os seus amos não dariam mais com a cabana, ou que achando-se muito mais perto do Pacifico não retrocederiam. Pareciam pois annuir com facilidade ao que desejava o chefe da policia. Pediram só tres ou quatro dias para decidir, esse tempo era indispensavel para descaço dos cães.

Yermac, quasi a realisar a sua esperanza, cuidou de aproveitar aquelles dias. Fez tirar do baleieiro, com o auxilio de uma narta puxada por alguns cães, que eram substituidos por outros em cada viagem, tudo o que podia ter um valor commercial, levado para Nigni-Kolinsk, especialmente a polvora, os harpeos e as armas. Depois mandou enterrar perto do logar, em que jazia seu filho, os ossos encontrados aqui e alli no tombadilho, na camara, no porão do navio, cumprindo assim as piedosas tenções de Yegor.

XXXII

Cem leguas a este da bahia de Tchausk está situada a bahia de Kolintchina, em que o *Vega* invernou desde 27 de setembro de 1878 até 18 de julho do anno seguinte.

Toda a gente conhece hoje a historia admiravel da expedição dirigida por Nordenskiöld, cujo resultado foi a revelação da existencia de uma passagem nordeste. É por certo o mais importante facto geographico realiado depois do descobrimento da America.

Sabe-se como o sabio sueco, depois de varias viagens de exploração, comprehendidas no norte da Russia e da Siberia, conseguiu chegar ao estreito de Behring e ao grande Oceano, realisando assim uma hypothese engenhosa, isto é: que ao longo das costas da Siberia devia existir um caminho navegavel, graças ás aguas quentes abundantes trazidas no verão pelos grandes rios asiaticos.

Nordenskiöld, durante o inverno de dez mezes, que passou na bahia de Kolintchina, viveu no meio d'esta tribu de tchuktchas ainda muito pouco conhecida, tenuta durante muito tempo pelas outras tribus siberianas, em que se achava em contacto, e cuja reputação de ferocidade foi sem duvida muito exagerada antigamente.

O celebre viajante sueco não foi o primeiro que penetrou na peninsula tchuktcha. Em 1823 já o te-

nente Wrangel, da marinha russa, depois almirante, tinha ido até á ilha Kolintchina; e, antes do navegador russo, já o illustre Cook tinha descoberto em 1778 o cabo Norte (o cabo Irkaipi de Nordenskiöld) e a ilha Kolintchina, a que deu o nome de Burney's Island; em 1791 o capitão Billings, depois de ter desembarcado na bahia de S. Lourenço no mar de Okhotsk, foi por terra á bahia de Kolintchina, e depois ao cabo Chelahsk.

Foi pelas noticias de Wrangel e dos seus tenentes Matinchkine e de Kozmine, e bem assim pelo que se sabia das expedições de Billings e de alguns outros menos conhecidos, que Yegor planeou o seu itinerario. Não ignorava que os tchuktchas eram gente para temer; mas nas suas apprehensões nunca entrara a horrorosa eventualidade de um rapto á força armada da filha de Davidoff.

A infeliz Nadege, encerrada na tenda do chefe de uma tribu, que habitava no sul da bahia de Kolintchina, só esperava ser livre pela intelligencia e coragem do seu irmão adoptivo.

Ladislau, sem ser obrigado, tinha-a seguido esperando poder protegê-la, ser-lhe util. Eram sete os raptos da rapariga. Entre elles achava-se o velho tchuktcha, que tinha vindo pedir hospitalidade aos invernantes, havia poucos dias.

Eram commandados por um chefe, novo, estabelecido provisoriamente na bahia de Tchausk, mas cujos verdadeiros dominios eram na bahia de Kolintchina. Este Kamakay tchuktcha, achando-se muito perto do logar, em que invernavam os homens brancos vindos do Oeste, deu o signal de partida, e foi seguido por todos da sua tribu, levando os mais ricos de todos os escravos que possuíam, que sem duvida eram descendentes de antigos prisioneiros de guerra.

Nadege, tratada com alguma consideração fez esta nova viagem n'uma narta bem coberta, tendo junto de si o seu querido Ladislau, que ella apertava ao coração como se receiasse que lh'o roubassem. A narta era puxada por numerosos cães, tocados por um escravo, que corria a pé ao lado do vehiculo. Á medida que a tribu avançava para Este, Ladislau, cuja tenção desde o primeiro instante, foi levar-se e voltar á cabana para informar Yegor do caminho seguido pelos raptos, via com susto alongar-se o caminho, que teria de percorrer para tornar atraz.

Querida deixar Nadege; porém esta deteve-o. Fez-lhe comprehender que na incerteza do logar para onde se dirigiam, não deviam abandoná-la. Como poderia elle informar Yegor? Alem d'isso, valia mais ficar ao pé d'ella, confiando em que a dedicação e actividade do noivo havia de encontra-la.

A partir do cabo Chelohgk, a margem apresentase coberta de aldeias, tendo cada uma doze tendas aproximadamente, e ás vezes ainda meoos. Eram habitações de tchuktchas, chamados sedentarios, ou fixas, que habitam a praia, e que se distinguem dos nomadas ou tchuktchas de rennas. As cabanas eram formadas de varas ou barbas de baleia cobertas de pelle de renna. Nadege notou que as habitações, tendo a forma de cones, eram muito curvass do lado do norte, sendo pelo contrario muito chatas do lado do sul. Neste lado havia uma abertura pouco alta fechada por uma costeira de pelle, que servia de porta. Uma segunda abertura, feita no tecto da cabana, dava passagem ao fumo.

Chegaram finalmente á bahia de Kolintchina, onde já se achava parte da tribu. Ahí Nadege e Ladislau foram alojados na tenda do Ramakay, muito mais commoda e ampla do que as outras.

Lá estavam as duas primeiras mulheres do chefe.

Aquellas megeras, de baixa estatura, olhos pretos, cabellos compridos e entrançados, de uma cor amarello-escuro, tendo grandes semelhanças com os esquimós da Groenlandia, adivinhando em Nadege uma rival, começaram a fustigá-la com trabalho, a maltratá-la por todas as formas.

Debaixo da primeira tenda, ao fundo, e erguida sobre uma plata-forma de madeira, havia uma segunda tenda mais pequena, com um pé de altura pouco mais ou menos, especie d'alcova mantida a uma temperatura elevada por meio de uma lampada alimentada com azeite de phoca, e onde habitavam as duas mulheres do Ramakay.

Estas obrigaram Nadege a ficar na tenda de fóra, sempre muito fria, apesar do fogo da cosinha; todavia a desgraçada rapariga respirava ahí um ar menos viciado do que na alcova, onde as escuras bellezas da peninsula tchuktcha estavam em sua casa com excessiva liberdade.

Os mais rudes misteres, como carregar neve para as necessidades d'agua da tenda, apanhar madeira, que fluctuava no rio, e quando não havia nungo apanhar ossos, barbas de baleia para alimentar o fogo, tudo isso pertencia a Nadege. As mulheres do Ramakay occupavam-na sempre em fazer uma especie de linha fabricada com correias para servir na pesca das phocas, ou na preparação de laços para apanhar lobos. Eram pedaços de barbas de baleia dobrados em dois, depois de se lhe terem aguçado as extremidades; preparadas assim as barbas de baleia, aspergiam-se com agua, que promptamente se tornava em gelo.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

A. A. G. — A mesma resposta que temos dado a outros. Póde algumas vezes escapar (e têm-se esse caso repetido com demasiada frequencia, é certo) na lista das *Soluções certas* o nome de algum assignante por lapso e culpa da redacção, mas a maior parte das vezes é porque as soluções chegam tarde. Não recebendo as soluções dos problemas até á quinta feira da semana immediata áquella em que os problemas saem, não podemos publicar as soluções; temos ás vezes publicado uma nota das soluções que chegam atrasadas, mas pareceu-nos que isso podia dar logar a complicações. Nada mais facil do que adivinhar os problemas depois de termos publicado as soluções. Este caso não se dá de certo com o nosso correspondente, nem com muitos outros; mas póde dar-se, e não temos meio de distinguir os conscienciosos dos que o não são.

Victor Narceu — Este nosso correspondente volta de novo a bater-nos á porta com os seus versos. Alguns se publicarão, todos não diremos, porque temos cá muita fazenda. Agora o que publicamos já é a graciosissima carta que os acompanha.

Meu senhor

Vão esses versos d'uma acção psychologica escriptos á martellada sobre a bigorna da logica,

Já me disse d'outra vez n'essa fina philologica que os meus versos morreriam com um bom ataque de logica.

Não sei se fui mais feliz com esses que agora vão em todo o caso eu espero d'elles a publicação.

Muita cautella co'a critica muita cautella no bote, lembre-se que eu já lhe disse ser um novo D. Quixote.

Por isso não, oh! não chame
estafermo nem sandeu
ao seu amigo e creado
submisso

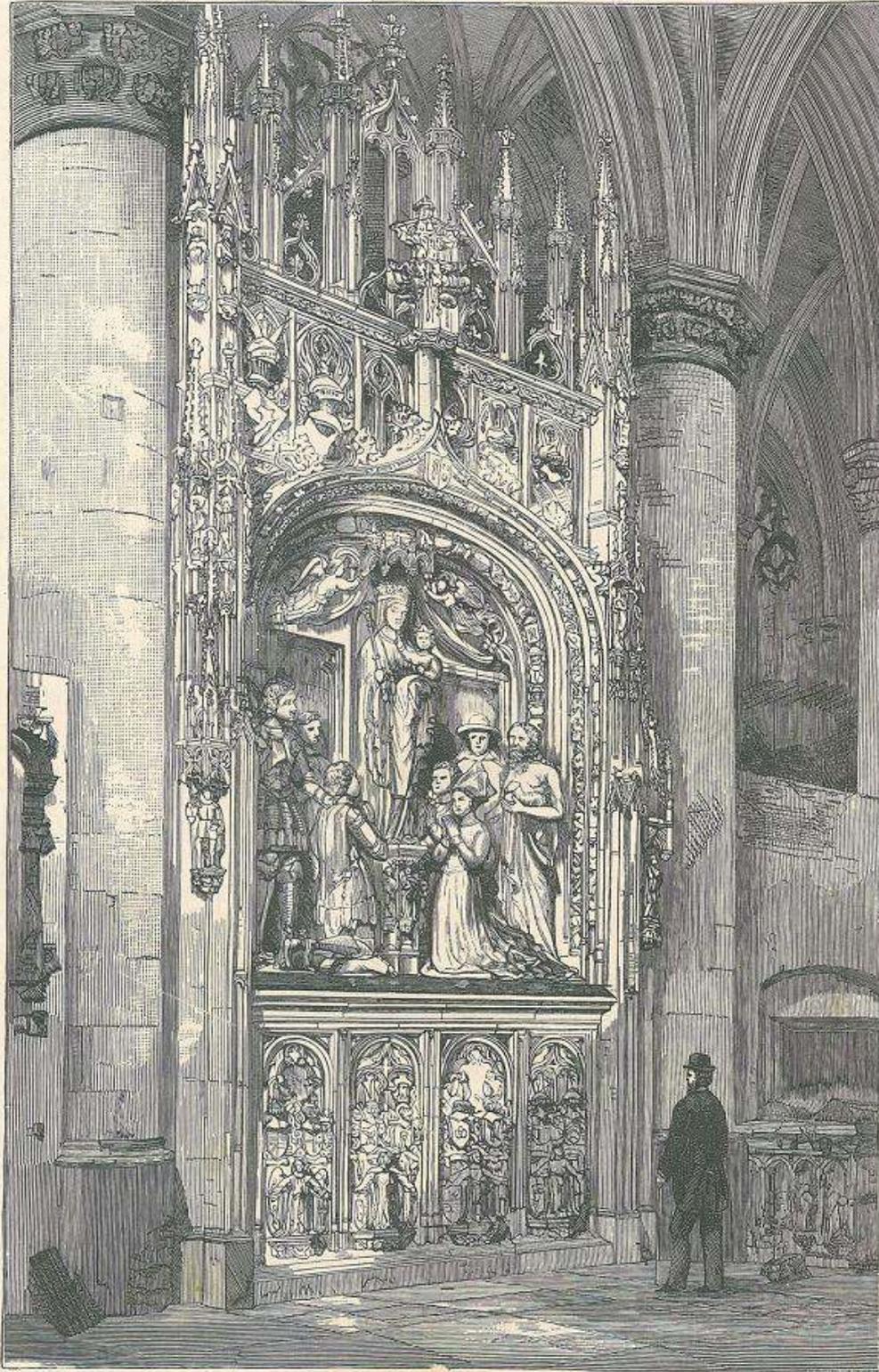
Coimbra, 29-12-81.

VICTOR NARCEU.

excellent collaborador, reconhecendo a justiça das
nossas observações, e assim ficaram satisfeitos os de-
sejos do nosso ou dos nossos assignantes.

Pedimos, contudo, a *E. R.*, como especial fineza,
que não hesite em fazer-nos qualquer observação, ou
em dirigir nos qualquer pedido, porque sempre nos

mos attendel-o. O receio de perdermos algum assignan-
te não nos demoverá do nosso proposito, e por conse-
guinte perde o nosso assignante o tempo e o fei-
ticio. Satisfazer todos, tornar o *Jornal do Domingo* o
mais agradável possível, é o nosso intento e o nosso
dever. Empenha-se ardentemente em cumpril-o a re-



MAUSOLEU DE ENGLEBERTO III, NA ANTIGA CATHEDRAL DE BREDA

E. R. (Porto)—Escaparam a um dos nossos chro-
nistas, na expansão da sua veia humoristica, alguns
epigrammas, que, sem a minima preocupação politi-
ca, iam, contudo, ferir personagens politicos. Logo
lhe pedimos, muito antes de recebermos a carta de
E. R., que se abstinisse de allusões de qualquer or-
dem, que podessem dar, ainda que involuntariamente,
ao nosso jornal uma feição politica, que elle não pôde
nem quer ter. Promptamente condescendeu o nosso

conformaremos com essa observação ou satisfaremos
esse pedido, se os acharmos justos e razoaveis; mas
que não acompanhe essas observações, que receber-
mos sempre com muito agrado, com quaesquer declara-
ções a respeito da sua intenção de ser ou deixar de
ser assignante do nosso jornal. Desculpe-nos, mas não
gostamos. Se podemos, como agora, acceder ao que
nos pede, tira-nos o gosto de o contentarmos livremen-
te e espontaneamente, se entendermos que não deve-

dação d'este jornal; para esse fim acceita com reco-
nhecimento a cooperação, e as indicações de todos os
seus assignantes. Agora os negocios de renovação ou
de suspensão de assignaturas esses tratam-se com a
administração. Não confundir estas repartições diffe-
rentes.